

Denon DL-103R

O vinilo está (outra vez) na moda!



Declaração de princípios

Antes de vos falar do motivo do teste de hoje, não quero deixar passar a oportunidade para, pelo menos uma vez, manifestar a minha posição sobre o documento intitulado «acordo ortográfico» (sim, escrevo-o propositadamente com letras minúsculas).

Para que não sobrem quaisquer dúvidas, quero aqui declarar desde já e como questão de princípio que assiste a qualquer cidadão, a minha ferozmente visceral oposição a esse documento, que mais não faz do que colocar-nos a nós, portugueses, de cócoras (eu poderia ser ainda mais violento, mas sinto que devo respeitar a sensibilidade dos meus leitores) perante a forma adulterada, atabalhoada e incorrecta de escrever no Brasil a nossa língua comum. Nada tenho contra o Brasil ou os brasileiros, não é isso que está em causa; tenho, sim, vergonha que haja portugueses que queiram impor dentro de território

português regras de escrita importadas de um país que faz uso (tantas vezes incorrecto) do idioma, porque foram portugueses quem para lá o levou. Que eu saiba, até ver, o idioma chama-se Português e nunca ouvi sequer nenhum brasileiro que gostasse que alguém chamasse «brasileiro» à língua que fala. Para os defensores do (des)acordo ortográfico, relembro que as regras de escrita usadas no Brasil são consequência do uso da língua por pessoas oriundas de diferentes partes do globo, incluindo o Extremo Oriente, e muito sob influência anglo-saxónica, por via dos Estados Unidos que, como se sabe, exercem uma

poderosíssima capacidade de influência em todo o continente americano.

Espanta-me haver portugueses que aceitam escrever, por exemplo, «acção» sem a dupla consoante que abre a vogal (no Brasil as vogais são oralmente abertas, por isso não há necessidade de reflectir esse facto na escrita), quando por toda a Europa a palavra equivalente se escreve sempre e invariavelmente com essa dupla consoante. Não é preciso exemplificar, toda a gente sabe disso e são inúmeros os exemplos em que isso acontece. Pergunto: porque razão havemos nós, portugueses, de abandonar

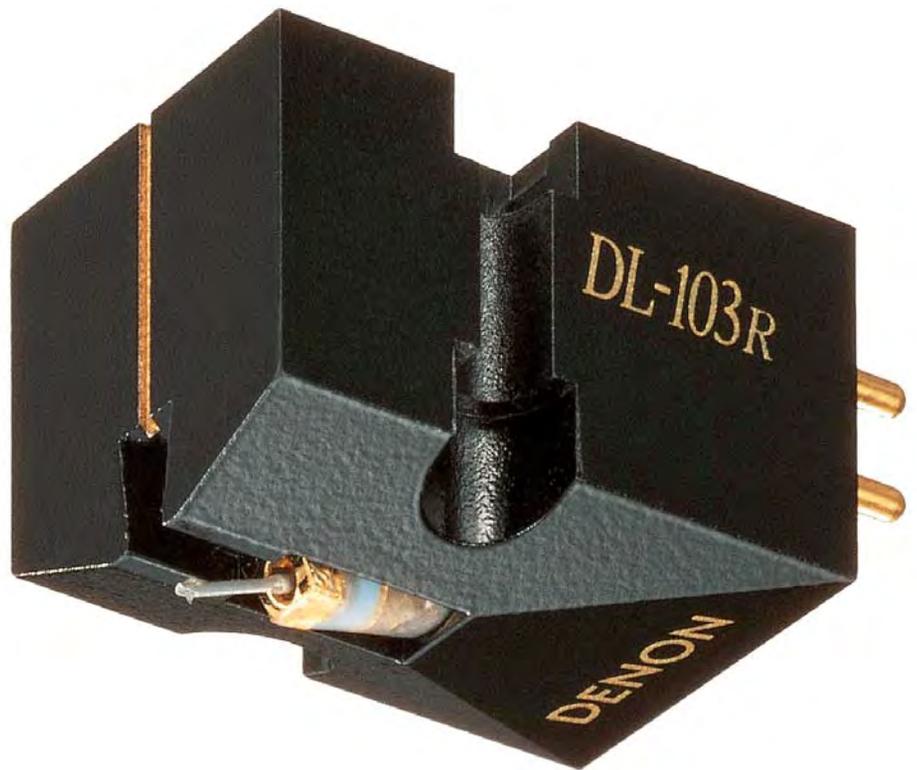
uma forma de escrita que é comum na Europa para passar a utilizar um termo importado de um país que nem sequer pertence ao Velho Continente, com a agravante de saber que muitas das palavras que agora estamos a importar resultam do aligeiramento supérfluo das palavras que queremos agora inutilizar?

Todos conhecemos o péssimo Português que se fala no Brasil; são as não concordâncias de pronome e verbo, de género e número nos adjectivos, são tantas outras situações que é desnecessário enumerar, porque a lista não teria fim. Vamos agora dar guarida entre nós a todo o género de agressões que foram feitas à língua a uma distância de vários milhares de quilómetros?

Sei que a minha opinião pode ser controversa; não quero com isto ofender o povo brasileiro, mas respeito a forma como escrevem, desde que o seja no Brasil; não aceito, contudo, que em Portugal passem a escrever-se muitas palavras como se faz no Brasil, contra toda a lógica da pronúncia utilizada no Português europeu.

Em tempos li algures, escrito por alguém sabedor do que diz, que a língua portuguesa tem três versões: aquela que é utilizada em Portugal e nas recentes ex-colónias, aquela que é utilizada no Brasil e aquela que é utilizada na Galiza (sim, leram bem, o Galego considerado como uma versão do Português, o que até nem é nada chocante). Porque não fizeram, então, um acordo em que também a Galiza pudesse dar um contributo na matéria, se se apregoa tanto que o objectivo último é comercial? Afinal, sempre teríamos mais uns quantos seres humanos a escreverem do mesmo modo... Se acham esta sugestão inválida, digam-me, se forem capazes, qual a razão porque apenas o Brasil foi capaz de impor a maioria das regras no famigerado acordo, se possivelmente o Galego tem algumas regras mais parecidas com o Português europeu que muitas regras existentes no Português do Brasil?

Pela minha parte, está decidido. Recuso-me em absoluto a aderir ao dito acordo e, enquanto for lúcido, NUNCA escreverei uma única palavra de acordo com o que recomenda esse documento. E faço aqui um pedido, com todo o respeito, ao revisor dos meus textos para não fazer correcções nesse sentido. Embora não lhe possa deixar mais



que o meu agradecimento por essa gentileza, ficar-lhe-ei sensibilizadamente reconhecido.

Denon DL-103R

São boas notícias. Na semana anterior àquela em que escrevo este texto, a TSF passou, por mais do que uma vez, um trabalho sobre a persistência do vinilo como forma de audição de música, quer entre melómanos, quer no seio de audiófilos. Dou os meus parabéns ao João Pedro, da Cinestesia, que teve oportunidade de participar com uma esclarecedora declaração, defendendo, naturalmente, a sua dama com toda a diplomacia, sem querer impor a sua opinião como sendo a única válida.

Mas o objecto do nosso teste, hoje, é uma das coqueluches de sempre do analógico, a célula Denon DL-103R. A designação «R», tal como a «SA», cujos exemplares estão disponíveis apenas por encomenda, concretizam versões especiais comemorativas dos 100 anos da Denon.

O sucesso da DL-103 levou a Denon a criar edições especiais e comemorativas, como a DL-103R e a DL-103SA. Em ambos os casos, as melhorias relativamente ao projecto original são subtis, mantendo-se inalteradas as características base da versão original.

Segundo um folheto da Videoacústica, que distribui a marca em Portugal, a Denon DL-103 é um dos produtos de electrónica de consumo mais antigos do mundo ainda em produção e que não sofreu alterações desde o modelo original, detendo o recorde para a célula de gira-discos mais vendida de sempre, com vários milhões de unidades vendidas. Ao contrário do que muitas vezes sucede com produtos de electrónica de consumo, cuja produção é deslocalizada para países de mão-de-obra barata para controlar os custos de produção, a Denon DL-103 mantém-se não apenas inalterada nas suas características mas, também, no seu local de fabrico, que é ainda e sempre o Japão.

A DL-103 foi aí desenvolvida, especificamente a pensar nos profissionais da radiodifusão e teve o seu aparecimento nos princípios da década de 60, concretamente em 1963. O seu sucesso, imediato, perdurou também no tempo. No final da década referida, a fama da DL-103 tinha já atingido um estatuto lendário, pelo que a Denon, que originalmente não tinha pensado em vendê-la fora do mercado profissional, decidiu-se pela sua comercialização para o público em geral.

Descrição

Sem se apresentar em luxuosas caixas que só encarecem o preço a pagar por quem

ACESSÓRIOS Denon DL-103R



delas não fará uso, a célula da Denon apresenta-se, no entanto, de forma muito honesta e digna de um produto com os seus pergaminhos.

Trata-se de uma *moving coil* (penso que não é novidade para ninguém), que apresenta nas especificações o nível de 250 V, portanto um nível de saída ligeiramente mais baixo que o padrão para as *moving coil*, que é da ordem dos 300 V. No entanto, o exemplar que testei, que se faz acompanhar de um folheto retirado directamente das leituras laboratoriais (muito bem Denon), refere valores de 310 e 280 V, respectivamente para o canal esquerdo e direito (não se admirem de serem lidos valores diferentes, é perfeitamente normal – o que não seria normal era o contrário, ou seja, valores iguais ou muito próximos).

A propósito deste folheto que acompanha a célula, fiquei admirado com a curva de resposta em frequência, que é quase per-

feitamente plana até aos 20 kHz. Há apenas um muito ligeiro decréscimo na resposta entre os 3 e os 10 kHz, sendo mais pronunciado a partir dos 5 kHz. No entanto, o decréscimo nunca ultrapassa, lendo o gráfico a olho nu, o valor de 1 dB. A medição termina abruptamente em 20 kHz, o que é uma pena, já que gostaria de saber qual o alcance da resposta espectro acima. Depois explicarei melhor a razão desta minha curiosidade, mas adianto já que a (grande) qualidade dos agudos me suscitou a vontade de o saber. O folheto impresso, que acompanha igualmente todas as células refere os 45 kHz, mas não pormenoriza com que perda nesse valor de frequência.

Instalei a DL-103R no meu velho conjunto Roksan Xerxes / SME V, diria que o giradiscos modificado por mim, se não parecesse pretensiosismo. O que é verdade é que há uns bons anitos resolvi deitar mãos à obra para tentar obviar a todos os problemas que a primeira versão deste gira-

discos inglês acabou por trazer aos seus possuidores e que tinham a ver principalmente com o empeno da placa que suporta o prato e o braço, precisamente devido ao célebre corte que cancela vibrações nessa mesma placa. As consequências faziam-se notar ao nível da distância entre prato e polia do motor, que acabavam por encostar, mas também entre o prato e a própria placa, como todos os ex-possuidores da primeira versão do Roksan Xerxes saberão por demais. Depois de muito puxar pela cabeça, acabei por corrigir esse problema, mas também outras situações, tais como o apoio e o ajuste do motor, acabando por encontrar uma solução mais eficaz, melhor do ponto de vista da performance (o desacoplamento do motor é agora maior), mas também melhor do ponto de vista das afinações, porque as dispensa por completo. O mesmo digo sobre as afinações do conjunto prato /braço /placa, que de pouca atenção necessitam. Ou seja, fiquei numa situação como aquele possuidor

de um automóvel que não precisa de manutenção e que anda sempre, sem problemas. Ainda por cima com uma performance que – não tenho a menor dúvida – ultrapassa de muito longe a do original Roksan Xerxes, ombreado mesmo com modelos hoje em dia muitíssimo mais caros.

A montagem da DL-103R no SME V não foi fácil, em grande parte porque a célula da Denon não possui orifícios inteiros roscados para inserção dos parafusos, mas porque estes apertam em semiorifícios, portanto com um apoio lateral de apenas 50%. Curioso, os parafusos não ficaram totalmente apertados na célula até um nadinha antes de partir, como muitos audiófilos gostam; ao contrário, porque apertam em porcas redondas, acabam por atingir um ponto em que a própria porca roda solidária com o parafuso. Para mim, que sou dos que acham que a célula não deve ficar muito apertada ao braço, acho que é deliberado por parte da Denon, para deste modo se atingir o valor de torque muito próximo do desejável ao bom funcionamento da célula.

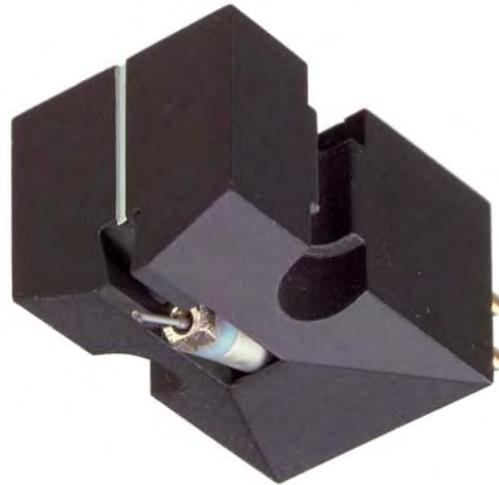
Também o facto de os terminais serem trocados, em relação aos da minha Rubi II, trouxe alguns problemas para fixação dos cabos ao braço. Nada que não se tivesse resolvido, mas demorou o seu tempo.

Depois de instalada a célula e feitos os ajustes de alinhamento, altura, peso recomendado (2,5 g) e *anti-skating* (ah, o disco da Cardas, para o efeito, é fundamental), passei à fase de queima, que durou cerca de uma centena de horas ininterruptas, também com o disco da Cardas, utilizando para isso uma das espiras sem fim com ruído rosa. No final deste tempo de espera, foi a vez de passar aos «finalmentes»...

Audições

Utilizei o meu sistema habitual, ao qual juntei os cabos HT de coluna, a versão de topo na configuração bicablada, unida no lado do amplificador. Importante que se diga, utilizei o andar *phono* PP-1 da Lucaschek, cuja concepção se destinou a fazer parceria com as células da Benz, da mesma proveniência. No entanto, achei que a combinação com a Denon não sofreu com isso; bem pelo contrário, pareceu-me ser uma combinação que posso mesmo aconselhar.

Tive oportunidade de ouvir vários tipos de música e com todos me pareceu que a DL-



103R apresenta características muito equilibradas, sendo muito eclética na sua performance. Pareceu-me, contudo, que se pode tirar mais partido desta célula a partir da música de câmara, como veremos.

Caracterizando a DL-103R, trata-se de uma sonoridade encorpada, quente, afável, diria mesmo, à boa maneira inglesa, *cosy*. Claro que isto é bom e eu gostei particularmente da sua performance, mas pode não ser o ideal para todos os gostos. No entanto, entendo que se trata de um compromisso muito bem conseguido.

São inúmeras as qualidades da Denon, a começar pela transparência, que achei desconcertante, em especial na médias e altas frequências, uma reprodução do ar do ambiente das gravações que pode surpreender favoravelmente muito bom admirador do digital (e mesmo de muito bom analógico!), uma separação de alto nível, com uma espacialidade e tridimensionalidade excelentes. Apresenta um agudo excepcional para o preço – requintado e extremamente pormenorizado, talvez a grande razão da excepcional reprodução de música de câmara: a obra *Stro Armonica*, de Vivaldi, pela The Academy of Ancient Music com direcção de Christopher Hogwood, fez delícias na minha sala. O baixo é bastante extenso, mas talvez o orçamento tenha impedido aquilo que me deixou uma ligeira dúvida, ao nível, pareceu-me, da transparência. Nada de grave, no entanto. Aliás, penso que na maioria dos gira-discos em que a célula será instalada esse pormenor não será detectado.

A contrapartida do som quente e afável, ideal para música de câmara, pode não fazer o pleno para pessoas que apreciem

música que exija mais dinâmica. Como o *jazz*, por exemplo, mas não se pode pedir tudo. E o que me parece curioso é que, apesar de alguma suavidade na resposta a transitórios, existem duas características essenciais: os tempos bem marcados (ritmo) e uma vivacidade que torna qualquer audição uma festa de boa disposição.

No global, no entanto, foi das vozes que gostei, mas os metais e as madeiras também estiveram muito bem (resultado curioso, apesar do ligeiro desnível verificado nas médias frequências, em laboratório). A separação instrumental não deixa, também, ninguém indiferente.

Posso dizer que o som é «bem esgalhado», tal é a alegria que dele emana, no entanto, em alguns casos, um pouco mais de decisão e prontidão na resposta podia trazer um acréscimo de entusiasmo. O problema, depois, são os compromissos que isso pode significar, e não tenho a mínima dúvida que a Denon criou um excelente produto, bem equilibrado e com um compromisso global de qualidades muitíssimo interessante. Parece-me que o preço em causa se justifica plenamente; penso que para gira-discos de média-alta qualidade é uma proposta muito tentadora. Não me ocorre de momento nenhum nome da concorrência que possa fazer perigar a tradição dos pergaminhos que esta Denon representa e talvez seja por isso que, apesar destes anos volvidos, a DL-103 continua a ser um modelo preferido por muitos audiófilos.

Preço: 0 €

Representante: Videoacústica

Telefone: 21 424 17 70

Internet: www.videoacustica.pt